

Dramaturgia em jogo: uma proposta de criação e aprendizagem do teatro

Marcos Aurélio Bulhões Martins

UFRN

Palavras-chave: pedagogia do teatro encenação dramaturgia

Como aprender a ler e a criar a cena teatral contemporânea que vai além do modelo dramático convencional? Esta questão diz respeito ao professor de teatro em formação, tendo em vista seu trabalho futuro com alunos da disciplina Teatro no ensino fundamental e médio ou com participantes de um processo de ação cultural. O objetivo da pesquisa¹ consistiu em sistematizar princípios metodológicos para uma proposta de aprendizagem dos fundamentos da escritura cênica, através de experimentos de adaptação e encenação de textos teatrais.

A observação de processos de criação de diretores de teatro abertos à participação do grupo na escritura cênica (José Celso Martinez Correa e Antônio Araújo); a observação de uma das práticas de ensino de direção teatral na Universidade de São Paulo e de *dramaturgia* no Institut del Teatre de Barcelona; a realização de oficinas de iniciação à encenação com jovens e adultos e com professores em formação em Natal, São Paulo e Rio de Janeiro, sedimentaram princípios de uma proposta metodológica de ensino e criação do teatro:

Nosso primeiro objetivo é desvelar as possibilidades de jogos do grupo em relação ao texto escolhido como ponto de partida. Depois do levantamento de imagens e idéias sobre o que fazer a partir do texto, pode-se experimentar e discutir alguns dos principais procedimentos de criação da cena teatral contemporânea, caracterizada pela diversidade temática e formal.

Nesta perspectiva de valorização da análise dramaturgic como prática pedagógica com iniciantes é fundamental que o professor possa atuar como provocador do debate de idéias contraditórias sobre o mesmo tema, texto, ou procedimento. Ao mesmo tempo em que coordena a leitura dos textos teatrais, ele apresenta e comenta as diferentes soluções adotadas por diversos encenadores, através da análise de registros videográficos e fotográficos.

Nesta proposta os alunos assumem diferentes papéis em cada subgrupo, sendo *co-autores* da escritura cênica. A escolha deste texto-base se dá após a fase de análise (Ryngaert) e jogo (Koudela, Pupo, Martins) de diversos fragmentos de textos

¹ Pesquisa desenvolvida durante o curso de doutorado em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

diversos. A operação de recriação dramaturgical será resultado de diferentes experimentos. Na busca da condição de *criador*, os alunos ampliam seu repertório expressivo para poder criar não só a forma de representar personagens, como também participar da análise dramaturgical nos papéis de ator, dramaturgo e diretor, através da redação, da pesquisa, do recorte e da montagem de fragmentos de textos. Nesta abordagem dos textos, todos opinam sobre a organização do discurso cênico a ser *lido* pelo público. É o *dramaturgo* que sistematiza as conquistas de cada encontro em protocolos, diários ou fichas dramaturgicals, anotações essas que serão retomadas na fase em que cada grupo decidirá a montagem de seu respectivo quadro cênico.

Através do jogo os participantes compõem as ações numa síntese realizada durante as improvisações e repensada nas avaliações que levam às retomadas de jogo. O aluno que assume o papel de dramaturgo é convidado a pensar a estrutura, o tamanho, a quantidade, a concisão, a qualidade, a funcionalidade, o tempo, a clareza, a intertextualidade, o teor ideológico e as imagens poéticas dos textos.

Nesta proposta, a análise dramaturgical deve ser realizada também em momentos distintos das aulas ou encontros, através da discussão sobre temas, da pesquisa e proposição de textos literários, da adaptação de textos narrativos para a forma dialógica e da redação de roteiros. Além de *improvisar* suas falas ou *opinar* sobre textos elaborados por um escritor, os atores discutem e propõem materiais textuais em um *trabalho de mesa* que os envolve como co-autores da escritura cênica.

O aluno que joga o papel do dramaturgo é o responsável por coordenar a pesquisa e a administração do banco coletivo de textos poéticos. Ele recebe de todos os participantes as propostas de roteiros e alterações (fragmentos para inclusões no roteiro cênico), atualizando as mudanças na dramaturgia. Quando não for possível o consenso, dá a última palavra na edição final do texto. Pode ainda anotar as palavras proferidas em improvisos, as concepções e colagens propostas.

Nas oficinas os atores discutiram a encenação e a dramaturgia de forma entrelaçada. Quando os atores aceitavam as instruções dos alunos que jogavam o papel dos diretores para o estabelecimento de novos focos, alterações ou cortes, estavam substituindo o mito da inspiração imediata e do frescor original da primeira

improvisação, por uma prática sistemática de transformação da versão inicial. Este enfoque lúdico da cena enquanto texto cênico orgânico, vivo, e portanto mutável, não foi evidente no início.

Podemos resumir assim as etapas do percurso que propomos para a realização de experimentos a partir dos textos teatrais:

1. Avaliação diagnóstica: procedimentos de jogo e debate que revelem quais os temas, personagens e maneiras de encenar dos grupos: Quais são as referências do grupo sobre textos teatrais? Quais conhecem, ouviram falar, leram? Aquecimento para leitura: realização de jogos teatrais a partir da descrição de imagens e, em seguida, de frases destacadas do texto.

2. Ampliação do repertório: exploração de fragmentos diversos: proposição pelo professor de recortes de textos teatrais com temáticas e linguagens diversas daquelas apresentadas pelo grupo. Abordagem que articula a criação de imagens e jogos teatrais com a análise dramaturgica de fragmentos e a leitura de textos da teoria, da história e da crítica.

3. Seleção de texto teatral que servirá de eixo para a segunda fase do experimento. Dois são os critérios possíveis para nortear essa redação: o texto responde aos anseios temáticos e cênicos da maioria do grupo ou, pelo contrário, confronta-os com temas e técnicas dramaturgicas que sejam significativos para a prática pedagógica.

4. Análise dramaturgica e experimentação lúdica do texto teatral selecionado. Leitura do texto auxiliada por textos teóricos e históricos. Criação de imagens e Jogos Teatrais para apropriação do texto. Criação de imagens buscando configurar no espaço as indicações do autor. Redação da fábula ou, no caso de textos pós-dramáticos, da seqüência de imagens e situações propostas pelo autor.

5. Leitura, análise e experimentação de textos teatrais com mesmo tema ou narrativa, que possam exemplificar diferentes adaptações do texto escolhido como eixo norteador.

6. Experimentos textocentristas de encenação: imagens e jogos na busca pela configuração cênica das indicações cênicas escritas pelo autor de uma ou mais cenas da peça em foco.

7. Experimentação de procedimentos do banco de dados sobre encenação contemporânea. Antes da análise de registros de encenações do mesmo texto, os alunos adaptam e recriam fragmentos da peça a partir de recortes teóricos selecionados pelo professor, recortes esses

que explicitam princípios e procedimentos, mas não apresentam soluções cênicas para a peça que está sendo objeto central de estudo do grupo.

8. Criação de dossiês de encenações modelares do texto em foco: Pesquisa de alunos e professor, tendo em vista a seleção de material que registra e analisa montagens modelares: textos teóricos (críticas publicadas, textos históricos, programas, páginas da internet), imagens (fotografias, concepções cenográficas), registros do espetáculo em vídeo, registro de cenas por escrito.

9. A recriação dramática a partir dos dossiês: Retomada da redação de cenas e dos jogos de encenação, experimentando os instrumentos observados nos modelos.

10. Definição de quadros cênicos de cada subgrupo: Apresentação de imagens, concepções de personagens, esquemas gerais para o desenvolvimento de roteiros. Os alunos se revezam nos papéis de atores, diretores e dramaturgos. Cada subgrupo opta por utilizar um ou por misturar vários procedimentos nos encenadores selecionados previamente pelo professor. Textos teatrais são produzidos pelos dramaturgos, lidos, sofrem avaliação coletiva. Discussão sobre o roteiro de adaptação dramática e de criação de cenas que configurem diferentes abordagens do mesmo texto. Diretor e dramaturgo discutem a definição final. O diretor, quando não há consenso, define as instruções que conduzirão a tessituras das ações cênicas.

11. Concepção e debate de roteiro geral para a apresentação dos quadros.

12. Apresentações, novas avaliações e retomadas de jogo que geram redefinições na escritura cênica, novas apresentações, avaliação final de todos os procedimentos experimentados.

13. Escritura da dramaturgia individual e coletiva. Todos são convocados como dramaturgos para redigir sua versão da cena. As proposições individuais são lidas em cada subgrupo, que elabora coletivamente uma versão resultante do consenso.

Do ponto de vista da aprendizagem do teatro, a pesquisa comprova a eficácia da articulação da análise dramática e a vivência dos papéis de ator, dramaturgo e diretor em encenações a partir de fragmentos de textos teatrais. Os resultados obtidos contribuem para o aperfeiçoamento da formação de docentes, contribuindo para o debate sobre as propostas metodológicas que integrem o estudo teórico com a prática da encenação. O estudo pode interessar também a diretores que valorizem o

desenvolvimento de discursos teatrais coletivos e que tenham a dramaturgia como ponto de partida.

Referências Bibliográficas

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Texto e Jogo*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

LEHMANN, Hans Thies. *Le Théâtre postdramatique*. (tradução de Philippe-Henri Ledru). Paris, L'Ârche, 2002.

MARTINS, Marcos Bulhões. *Encenação em Jogo*. São Paulo, Hucitec, 2004.

PUPO, Maria Lúcia S. B. *Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: um aventura teatral*, São Paulo, Perspectiva, 2005.

RYNGAERT, Jean Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.